

## MODERNIZAÇÃO E DISCURSO: ESPECIALIZAÇÃO E DIVERSIFICAÇÃO AGRÍCOLA NO OESTE DO PARANÁ (1980-2000)

Marli Terezinha Szumilo Schlosser\*

**Resumo:** No artigo em questão, objetivou-se analisar a construção discursiva presente na programação da Rádio Difusora do Paraná, no processo de modernização, especialização e diversificação agrícola no Extremo Oeste paranaense, especificamente no município de Marechal Cândido Rondon. O recorte temporal abrangeu o período de 1980-2000. O estudo foi norteado pela análise das fontes jornalísticas, de dois programas – Frente Ampla de Notícias (FAN) e Personalidade da Semana (PS).

**Palavra-chave:** Especialização agrícola, discurso, modernização.

### MODERNIZATION AND SPEECH: SPECIALIZATION AND AGRICULTURAL DIVERSIFICATION IN THE FAR WEST OF PARANÁ (1980-2000)

**Abstract:** The present study had the goal of analyzing the discursive construction present in the programming of Rádio Difusora do Paraná, in the process of modernization, specialization and agricultural diversification in the Far West of Paraná, more specifically in the municipal district of Marechal Cândido Rondon. The time frame ranged from 1980 to 2000. The construction of this study was guided by the analysis of the journalistic sources, two programs - Wide Front of News (FAN) and Personality of the Week (PS).

**Keywords:** Agricultural specialization, speech, modernization.

### Introdução

No presente artigo, será analisada a intervenção discursiva da Rádio Difusora do Paraná, na articulação da modernização, especialização e diversificação agrícola no Extremo Oeste do Paraná, especificamente em Marechal Cândido Rondon.

A reflexão teórico-metodológica da temática, fundiu-se as fontes jornalísticas escritas e verbais, retiradas dos arquivos da referida emissora, das programações Frente Ampla de Notícias e Personalidade da Semana. No aporte metodológico faz-se necessário considerar o *"ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos"* (CHARTIER, 1990, p. 24). Na malha discursiva que circulou e configurou significativas transformações socioeconômicas no espaço rural, estão presentes a ideologia, ironia e o simbolismo da linguagem arquivado em falas heterogêneas. O manuseio dos discursos jornalísticos requer observar *"que a ignorância e a estupidez cumprem a sua parte, ninguém nega isso. Mas é igualmente claro que a determinação de manipular a notícia também existe"* (ABRAMO, 2003, p. 11).

Portanto, para Roger Chartier (1990, p. 17), “*embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza*”.

## Mediação e simulacro

Analise-se Elio E. Winter (1985, FAN), ex-diretor e proprietário da Rádio Difusora do Paraná. Este ator desenvolveu, por longos anos, atividades no ramo imobiliário e possui significativa ramificação política. A fala é designada aos rondonenses, a quem fala na condição de cidadão. Neste momento, se fez a recuperação integral do documento, justificada na abrangência discursiva. Pois, “*Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária*” (ORLANDI, 1999, p. 34).

Os detalhes podem ser observados na íntegra do documento:

Nos últimos meses nós de Marechal Rondon e de toda a região oeste do Paraná, mesmo do Paraguai e Mato Grosso, passamos muito tempo olhando para o céu.

E não era por causa do cometa Halley não, era buscando nuvens carregadas que viessem acabar com a estiagem.

Olhando para o céu cada vez mais limpo e olhando para a terra, cada vez mais árida, víamos as plantas morrerem, os açudes secarem, o gado definhando e até morrendo, [...] nosso coração cada vez mais duro e a nossa frente cada vez mais preocupada.

Teve gente que plantou uma vez e a plantação se perdeu. Gradeou fora, plantou de novo e de novo o sol impiedoso queimou a plantação.

Mas, finalmente hoje, a natureza está mostrando sinais de que vai mudar o seu comportamento. Apesar do vendaval de ontem à noitinha que destelhou casas, arrancou árvores e provocou estragos, ninguém se importou muito com os prejuízos do vento, por que com ele veio a chuva e com a chuva novas esperanças.

Mas além da lição que Deus nos deu com esta seca: De que devemos ser mais humildes, de que **devemos sempre nos lembrar que acima dos nossos planos e projetos existe o risco de tudo se perder**, pudemos também constatar o alto grau de maturidade do nosso povo.

É bem verdade que quando o agricultor começou a perder sua safra de milho, sorgo, soja e tantas outras culturas, também o comércio se desesperou.

Em São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro, cidades que não dependem do tempo, mas mesmo cidades menores onde o clima correu normal, o comércio está vivendo o melhor

Natal dos últimos 10 anos. Aparelhos de ar condicionado, geladeiras, videocassetes, bebidas e comidas estão faltando de tão grande que é o movimento.

Também em Rondon o comércio havia se preparado para um super movimento que, infelizmente, não aconteceu.

**Até o dono de um trailer-cachorrão estava esses dias comentando que seu movimento caiu sensivelmente,**

pois muitas pessoas que antes faziam lanches fora de casa estavam agora se resguardando e poupando seu dinheiro.

Há poucos dias conversávamos com o 'seu' Zé-do-Cepo. Ele nos contava da grande necessidade que os 120 bóias-frias que trabalham com ele estão passando, pela pura e simples falta de serviço, e estas pessoas dependem do seu trabalho diário para sobreviver.

Quantos agricultores nós vimos nas mesas dos gerentes dos Bancos nos últimos dias e quantas viagens e projetos de férias foram cancelados.

Mas, apesar de tudo isto, pudemos constatar no nosso povo muita maturidade e esta maturidade permitia que ninguém se desesperasse e a calma e a tranqüilidade: se mantivessem.

Conversando com alguns agricultores que perderam suas plantações, estes nos diziam que às vezes é preciso ser assim. Às vezes precisamos ter alguns desencantos, passar por algumas agruras.

Quem nunca esteve sozinho, quem nunca ficou triste – não pode saber o que é a felicidade.

Nem sempre o tempo passa depressa que chega, como agora por exemplo: a gente **ficava com um olho no calendário e outro no céu.** Falando com pessoas de mais idade que nos diziam que na virada da lua nova iria chover ..., depois que três dias antes de lua cheia ia desandar um aguaceiro ... e assim por diante, uma lua atrás da outra até ontem.

Mas chegou a hora. Agora é arregaçar as mangas, esquentar os tratores e encher o coração de fé e esperança.

Temos que evitar os insensatos, os pessimistas, os descrentes. Vamos com esperança e dentro de poucos dias toda a nossa região estará novamente exalando vida e energia e a safra virá para a alegria de todos nós.

Dificuldades bem piores enfrentaram os pioneiros que aqui vieram desbravar este chão. Bem piores dificuldades passaram as primeiras mulheres para criar os seus filhos, bem piores dificuldades passamos na grande queima do Paraná em 1963 e nas duas frustrações de safra em 1977 e 1978.

Agora a nossa região já está muito mais consciente, a nossa agricultura diversificada. Todo mês o nosso agricultor põe a mão no dinheiro do leite, a criação de suínos nunca deu tanto lucro como agora e com um pouco de fé e trabalho

logo todos estaremos sorrindo novamente.  
Todos ficamos torcendo para que a chuva continue, pois este é o melhor presente de Natal que podemos ganhar.  
Mas todos devemos guardar esta lição: às vezes precisamos passar por momentos de agruras e preocupações – para poder aproveitar melhor as boas coisas que Deus nos dá.  
O mundo e os homens seriam chatos e pretensiosos se sempre as coisas fossem bem.  
Somos todos criação de Deus. Somos irmãos das árvores, dos rios, dos animais e das estrelas, e, mesmo que a gente não possa perceber, a natureza vai cumprindo o seu destino (WINTER, 1985, FAN, grifo da autora).

Com as primeiras palavras formulou-se um corpo discursivo aglutinador de funções, compostas por um metabolismo expresso em um universo escalar – local Marechal Cândido Rondon, regional Oeste do Paraná, nacional Mato Grosso do Sul e internacional Paraguai. O movimento discursivo estruturou a “arrumação” das palavras, para descrever, com emoção e em detalhes, as conseqüências da estiagem. Com o confinamento das manchetes sobre o clima foi possível localizar os riscos e vulnerabilidades que as precipitações em excessos ou a carência destas exerceram na comunidade local. Os comportamentos dos fenômenos naturais como os ventos fortes, num primeiro momento, poderiam ser considerados risco para as casas, plantas, etc. Um olhar um pouco mais demorado, permite observar, a nível de imaginário, que a tempestade na ótica dos agricultores foi recebida com entusiasmo, pois com ela veio a chuva.

Winter (1985, FAN), ao falar aos ouvintes, em especial aos camponeses, utiliza-se do religioso. Supõe-se que, ao recorrer à fé, abre um canal de onde pode resgatar a sintonia religiosa, encharcada de exemplos de submissão, peregrinação, sacrifício e obediência. Portanto, presume-se que, por meio da religião, ameniza antecipadamente possíveis revoltas e repúdio ao modelo agrícola instaurado. Assim, a motivação aparente esconde a desmotivação e o descontentamento com instituições como Banco do Brasil, cooperativa, ACARPA/EMATER, que puxaram o agricultor para: o cultivo modernizado, replantio e para a solicitação do crédito, etc. A dinâmica discursiva da

‘grande mídia’ constitui, hoje – com todas as suas complexidades, os seus paradoxos e suas contradições –, uma coluna de sustentação do poder. Ela é imprescindível como fonte legitimadora das medidas políticas anunciadas pelos governantes e das ‘estratégias de mercado’ adotadas pelas grandes corporações e pelo capital financeiro. Constrói consensos, educa percepções, produz ‘realidades’ parciais apresentadas como a totalidade do mundo, mente distorce os fatos, falsifica, mistifica – atua, enfim, como um ‘partido’ que, proclamando-se porta-voz e espelho dos

'interesses gerais' da sociedade civil, defende os interesses específicos de seus proprietários privados (ABRAMO, 2003, p.8).

A religiosidade foi incorporada ao contexto da construção discursiva, tematizando os desdobramentos vivenciados com a estiagem. Na seqüência, foram empregadas observações, solicitando mais humildade por parte dos agricultores em seus projetos. Assim, estruturou-se a ordem conformista em aceitar os riscos. Por outro lado, deixaram-se escapar, por dentro das fibras discursivas, as seguintes palavras: o comércio se desesperou. Isto indica que o poder da estiagem, ao afetar parcialmente as culturas, afetou também os interesses do comércio. Em sentido geral,

Um exemplo significativo pode ser oferecido numa sociedade empresarial do tipo empresa jornalística. A mensagem do articulista está não somente condicionada ao tipo de sociedade, como também à posição que ocupa o emitente da mensagem nessa sociedade. Sua mensagem, necessariamente, diferirá na forma, das mensagens emitidas em outras seções do jornal (FIDELIS, 1986, p.50).

Em relação ao comércio, exemplificou-se o sucesso das vendas nas capitais que não dependem da agricultura, e o significado do natal foi depositado no sucesso das vendas. Portanto, ocorreu um rápido choque entre a afirmação anterior que indicava o "cultivo" da humildade. O suporte discursivo olha numa única direção: a frustração parcial das vendas. E o agricultor que plantou, perdeu as sementes, plantou novamente e ainda depende da continuidade das chuvas para colher, saiu da platéia? Com o contexto exposto, os gastos com o plantio e replantio dobraram, e a rentabilidade das culturas pela influência climática foi menor. Somadas a isso, as oscilações dos preços pagos aos produtos, apertaram a sobrevivência do agricultor.

No produto discursivo, comparecem os trabalhadores informais, como: donos de trailer, os quais comercializavam cachorro-quente. As vendas de cachorro-quente se reduziram, porque a população passou a poupar o dinheiro. No período que antecede o natal, as lojas ficam abertas à noite e com isso os funcionários recorrem a lanches rápidos, mas, com as vendas estagnadas, a procura por lanches diminuiu. Nestas noites, faz-se a decoração de natal e uma "pracinha" artificial no centro da cidade. Esta atrai o público infantil. Porém, com a crise na agricultura, a população passou a reduzir gastos com lanches, afetando, em muitos casos, a sobrevivência de quem vive da informalidade.

A condição informal dos bóias-frias, atrelada ao longo período de estiagem, colocou estes trabalhadores diante de dificuldades como: a carência de alimentos, remédios, etc. Os agricultores, transtornados com a estiagem e

em muitos casos com as dívidas contraídas para plantar e replantar as lavouras optaram por reduzir os gastos e não mais contratam os trabalhadores volantes. Até porque, na mesma proporção em que a seca afeta a cultura, afeta também as ervas daninhas. Aos trabalhadores bóias-frias restou o desespero. Mas, o desespero também cercou muitos agricultores, que recorreram aos bancos para prolongar ou refinar os empréstimos. O desenvolvimento e avanço tecnológico, atuando em benefício dos ditames capitalistas, objetivou alargar a exploração dos trabalhadores. Mas este processo assumiu outras colorações que interagem junto aos produtores camponeses. É necessário considerar que uma fatia significativa do campesinato possui considerável produtividade. Sendo assim, muitos agricultores acumularam uma poupança e investiram na compra de terras, geralmente terras vizinhas (OLIVEIRA, 1999).

O desafio-discursivo emoldura a calamidade através de um exercício construído na moral e no conformismo. A sustentação discursiva pautou-se na conversa com alguns agricultores e, supostamente, colocou palavras em suas bocas, como: às vezes é preciso ser assim. Com este cenário, construído e fixado junto ao cotidiano dos agricultores, via ondas da rádio, provavelmente foi o antídoto, aplicado para anular o desgosto e o recurso de manter um ritmo acelerado, voltado novamente à produtividade. Outro aspecto extraído da aglutinação discursiva revela previsões pautadas nos saberes cotidianos. Os parâmetros, relacionados ao comportamento climático, foram buscados junto às pessoas idosas. Os saberes do senso comum foram valorizados, mediante a observação das fases da lua.

O suporte discursivo estabeleceu um padrão de retrospectiva, para, na seqüência, lançar a sustentabilidade de outros desfechos. Com esta estratégia, um campo de invisibilidade cegou os reais objetivos do desempenho discursivo. O endereço das falas calorosas advogou em benefício do novo cultivo e, num ritual depurativo, atacou os pensamentos negativos, aflorou discursivamente uma nova paisagem firmada na próxima safra.

O *glamour* discursivo desenterrou passagens históricas do período da colonização, com seu universo de dificuldades. Os efeitos das queimadas também foram reconstruídos, bem como as frustrações das safras de 1977 e 1978, todo esse conjunto de acontecimentos, para justificar que as dificuldades com a estiagem não eram intransponíveis. É possível supor que esta fala, erguida em bases históricas, revela, no plano subjetivo, “medos” com o comportamento futuro, em torno do não-aceite de um novo cultivo por parte dos agricultores.

O objetivo reside em induzir a incorporação da diversificação nas propriedades, não somente em benefício do agricultor, mas em benefício do comércio e indústria. Nesse sentido, pode-se comprovar a hipótese de que a diversificação agrícola foi motivada e que com o cheque do leite, a comercialização de ovos, frangos, suínos, etc., ocorreu a retro-alimentação mensal dos interesses econômicos do comércio local. A característica de

destaque

do capital comercial é a grande versatilidade de atuação, ora agindo como capital usuário, financiando a produção agrícola preferencialmente em bases tradicionais, ora atuando como agente do capital industrial, controlando os pequenos produtores através das exigências para que o produto comercializado esteja inteiramente enquadrado às necessidades do empreendimento capitalista (OLIVEIRA, 1999, p. 21).

Com a diversificação objetivou-se, ao que tudo indica, alargar a renda do produtor, e assim beneficiar o comércio e indústria. Mas, pode-se afirmar que a diversificação tem seu lado positivo, e auxiliou o camponês a viver com mais equilíbrio no campo.

Em termos de fechamento do discurso de Winter (1985, FAN), as dimensões climáticas foram retomadas, assim como as expectativas em torno da permanência das precipitações. O religioso e o conformismo também foram reconvocados. Todavia, a relação homem/natureza, no último parágrafo, foi sistematizada em termos religiosos, semelhantes aos dizeres de São Francisco de Assis. A sincronicidade do dizer ficou pautada nos efeitos/defeitos, produzidos estrategicamente para suavizar as perdas agrícolas, e recompor forças para a continuidade da produção. Isto estimulou expectativas de interesse comercial e industrial, e do próprio agricultor.

José Roberto Mazucatto, engenheiro agrônomo e Secretário Municipal de Agricultura (1989, PS), ator que estabeleceu um discurso como representante da administração municipal rondonense, espelha em sua fala de forma positiva o desempenho da agricultura e destaca a infra-estrutura da cooperativa. Sendo assim:

O setor, no município de Marechal Cândido Rondon, que mais representa economicamente é o da agricultura [e,] por isso mesmo, a administração municipal tem prestado todo apoio aos setores da agricultura não só esta administração [...] mas todas as já havidas [...]. **É por acaso da grandiosidade da agricultura de Marechal Cândido Rondon que [existe] também uma cooperativa que está classificada entre as maiores empresas do país. Ela está entre as 4000 maiores empresas estatais ou privadas de todo o Brasil.** A agricultura no município representa, em termos de arrecadação, uma soma muito grande [...] em relação ao orçamento de todos os anos. Para isso, os agricultores precisam de melhores acessos, de melhores condições de comercialização [...] Precisam, acima de tudo, conservar os solos (MAZUCATTO, 1989, grifo da autora).

Na reconstituição do discurso de José Roberto Mazucatto, cabe recuperar que os agricultores serviram, em parte, de instrumento humano na retirada da

mata e agora são convocados ou pressionados para resolver o problema ambiental, como se tivessem sido imprudentes, pois, o mais indicado para o momento seria a conservação. Mas, conservar é preciso? Sim. Mas conservar só o solo basta? E as matas ciliares? As matas ciliares em si não aumentam a produtividade, os impostos e não fazem girar o comércio. O estilo discursivo de Mazucatto (1989, PS) coordena a sucessão de idéias que são costuradas e produzem uma seqüência mental de imagens que não ferem a administração municipal do período, nem as anteriores. É possível supor que Mazucatto (1989, PS) “fabrica” um consenso político com o objetivo de prender a atenção do público rural, evitando que agricultores contrários ao governo em vigência desconsiderem suas orientações sobre a conservação do solo. Estrategicamente levanta elogios em torno da produtividade, destaca o porte da cooperativa, questões que habitam a opinião do público através dos mecanismos da re colocação das palavras de tempo em tempo.

Em relação especificamente ao ano de 1993, Valter Vanzella, Presidente da COPAGRIL, fez um balanço do setor agrícola, pautado em críticas direcionadas ao Governo Federal. No contexto de dificuldades vivenciadas pelos agricultores,

‘1993 foi um ano de muitas dificuldades para a agricultura, principalmente porque o governo ainda não definiu uma política séria para o setor’.

Nesses termos se pronunciou o presidente da Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda, ao fazer um balanço do desempenho da agricultura neste ano.

Valter Vanzella ressaltou, no entanto, que apesar de 93 ter sido o ano [no qual se] registrou uma grande inflação que contribuiu para aumentar os [...] financeiros para o setor, a agricultor conseguiu sobreviver.

Para o presidente da COPAGRIL, neste ano, registrou-se uma safra razoável, porém, com uma rentabilidade bem inferior a anos anteriores, **tendo em vista, as dificuldades para a comercialização de alguns produtos.**

A baixa rentabilidade, segundo Vanzella, deve-se principalmente à importação de alguns produtos, como é o caso do trigo e do algodão (PRESIDENTE DA COPAGRIL, 1993, FAN, grifo da autora).

Nas suas declarações, os agricultores plantaram, mas colheram prejuízos. Segundo Vanzella, os problemas (preços baixos) desde longa data envolvem as atividades agrícolas. O setor agrícola convive com a incerteza. A ausência da política consistente para o campo exerceu manobras que estimulam lucros em direção à indústria e ao comércio. No balanço feito, a produtividade foi considerável, mas as dificuldades enfrentadas com a comercialização de alguns produtos fomentaram a baixa rentabilidade. O discurso do presidente da cooperativa, Valter Vanzella, direcionado aos agricultores, concebe a

agricultura no conjunto das safras e na comercialização dos produtos agrícolas e atende a interesses institucionais. Há uma forte identidade com a agricultura de mercado. Diante do exposto:

o espetáculo se torna simulacro e o simulacro se põe como entretenimento, os meios de comunicação de massa transformam tudo em entretenimento (guerras, genocídios, greves, festas, cerimônias religiosas, tragédias, políticas, catástrofes naturais e das cidades, obras de arte, obras de pensamento). [...] a destruição dos fatos, acontecimentos e obras segue a lógica do consumo, da futilidade, da banalização e do simulacro, não espanta que tudo se reduza, ao fim e ao cabo, a uma questão pessoal de preferência, gosto, predileção, aversão, sentimentos. É isto o mercado cultural (CHAUI, 2007, p. 22).

A formação discursiva abrange a escala econômica, produz distância entre agricultura e meio ambiente de modo abrupto. Os custos sociais não foram identificados. O impacto ambiental e socioeconômico, fomentado com a agricultura tecnificada, não ocupa espaço ao longo da produção discursiva de Vanzella. Nesta fonte jornalística, há uma mistura entre a redação do jornalista e a coleta da voz de Valter Vanzella. Na ocasião, Vanzella desempenhava duplo papel: o de agricultor que supostamente defende os interesses dos camponeses e figura na condição de presidente da COPAGRIL, onde desempenha o papel de empresário. A encenação da interlocução e do debate apura representações, que buscam estabelecer construções unificadas, mas não espelham a realidade. O problema foi atribuído à comercialização dos produtos, e não aos custos com a tecnologia empregada.

O elevado custo das sementes, de adubos e do preparo do solo absorvem parte do lucro no momento do plantio. Estes detalhes são dispensados pelos atores na construção discursiva. Em relação aos preços mínimos, é possível observar que:

Estando atualmente com o preço fixado em 15 reais e 80 centavos a saca e com a previsão de 12 a 15 reais no momento da comercialização da safra, o soja pode amenizar as dificuldades dos agricultores endividados com as instituições bancárias.

Já o milho estando atualmente com o preço de 5 reais e 50 centavos, portanto abaixo do mínimo de 6 reais e 70 centavos, está representando uma dor de cabeça para os agricultores da região (COPAGRIL ACONSELHA, 1997, FAN).

Como mencionado anteriormente, a técnica é proclamada de modo velado. Os atores paralisam seus discursos em questões como preços pagos pelos produtos, mas não proclamam outros fenômenos que, se somados,

indicam os problemas enfrentados pelos agricultores. A problemática dos baixos preços pagos pelos produtos agrícolas é uma constante na região. A recomendação feita alerta os agricultores para que não comercializem seus produtos abaixo do preço mínimo. O preço pago pelo milho desestimulou os agricultores, pois restaram-lhes os encargos com empréstimos, tomados junto aos bancos. Em contrapartida, os produtores foram orientados a recorrer à venda da soja, mas os que não mais possuíam soja ficaram com suas dívidas pendentes. De qualquer forma, ao expor a situação dos preços baixos, não houve uma manobra discursiva em prol da organização dos produtores para reivindicar melhores preços. Ademais, a própria cooperativa sistematizou atividades de campo e estimulou o cultivo do milho.

Mesmo com todo empenho por parte dos agricultores, sua condição de permanecer no campo foi afetada pela inconsistência das políticas agrícolas. Portanto, é imperativo conhecer as conseqüências que o descaso trouxe aos agricultores.

entenda que o pequeno nem sempre é pequeno porque ele quer, ele é pequeno porque a situação o deixou pequeno, porque o banco pegou dele, [...] ele trabalhou pro banco esses anos todos, ele trabalhou pro sistema financeiro que pagou corrupção, que pagou desvio de recursos (FROELICH, 1995, PS).

Esta inconsistência para com o agricultor assenta um discurso de atores comprometidos com o sistema, não especificamente com a platéia. As políticas são introduzidas, não respeitam as características endógenas do grupo. A força exógena atua na extração do trabalho do agricultor, ou até pode comprometer a permanência do camponês no campo. O empenho para condicionar o imaginário fabricou consensos e auxiliou na adesão de determinados modelos. Em grande parte, a coluna de sustentação do poder foi erguida pela “engenharia do consenso”, que arquitetou a manipulação de consciências. Em algumas circunstâncias, o camponês deixou de ser sujeito consciente de suas ações, pois atendeu às “recomendações”, e não reagiu com vigor aos problemas desencadeados com as “orientações”.

Valter Vanzella destaca os problemas que atingiram agricultores e cooperativas.

Para Valter Vanzella a falta de perspectiva está levando à falência agricultores e cooperativas, enquanto o governo mantém apenas no discurso a sua intenção de definir uma política decente para a produção de alimentos no país. Os juros ora praticados no mercado financeiro para os empréstimos agrícolas fogem totalmente à realidade nacional **e nem mesmo a constituição está sendo respeitada**, destaca o líder cooperativista, para quem apenas os grandes centros estão recebendo a devida

atenção governamental (AGRICULTURA ESTÁ, 1995, FAN, grifo da autora).

Agricultores e líderes da cooperativa reclamam atenção por parte do governo. A situação tornou-se insustentável, a ponto de o presidente da cooperativa admitir a falência do setor. Ao comentar a situação da agricultura, considerou que as medidas para o setor encontram-se apenas no discurso. Os juros comprometeram a permanência do agricultor no campo. O agricultor que dependia dos financiamentos, ao solicitá-los, em pouco tempo acumula dívidas.

O manejo das palavras de Froehlich e Vanzella, produzidas no mesmo período (1995), indica efervescência discursiva. Segundo eles, os abalos depositados sobre a agricultura exerceram pressão negativa sobre as vendas do comércio e também afetaram as cooperativas. Pode-se supor que a primeira camada do discurso de ambos faz-se solidária com os problemas vivenciados pelos agricultores. Mas a segunda camada expõe atores que falam na condição de rondonenses e defendem os interesses do comércio e indústria por conta dos vínculos estabelecidos com estes setores.

É interessante acompanhar na íntegra os argumentos de Valter Vanzella, na ocasião Presidente da Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda. sobre a escassez de milho:

Comentários a respeito de uma possível escassez do milho [...] provocaram um aumento acentuado na cotação do produto. Com o preço de três reais para a venda aos produtores, os criadores de animais se dizem revoltados e inviabilizados. A possibilidade de importação do produto, a falta de equilíbrio dos preços agrícolas, e as perspectivas para a próxima safra, foram [alguns dos assuntos] abordados pelo Presidente da Cooperativa Agrícola Mista Rondon, Ltda, Valter Vanzella, um dos entrevistados do quadro Personalidade da Semana.

Eu penso que nós temos que ter um certo cuidado, porque já ocorreu um ano em que se falava que esse fato ia ocorrer [...] e acaba sobrando milho. E no momento eu vejo, com certa preocupação, muita especulação em torno disso, porque pela informação, pelas conversas que a gente tem tido com as cooperativas da nossa região, eu vejo que praticamente todas elas tem estoque de milho para atender a demanda, da sua área de ação, dentro da normalidade até o início da próxima safra. Evidente que isso é dentro da normalidade, por exemplo aqui no caso da COPAGRIL [...] o volume de milho que nós temos dentro dos armazéns é dentro da normalidade de consumo, pra atender o produtor, a integração, a fábrica de ração aquela coisa toda, nós temos milho até a próxima safra. [A] informação [que] eu tenho [é] que todas as cooperativas de modo geral estão

nessa situação. A gente também tem ouvido que as grandes empresas também tem um grande estoque de milho. A tal ponto que poucos dias atrás, nós colocamos um lote no mercado pra vender e tivemos até certa dificuldade pra vendê-lo. Empresas grandes da região aqui não mostraram interesse, em comprar, sinal que não existe tanta escassez do produto, e [...] eu penso que pra nossa região, não havendo transferência do produto pra outras regiões, não haveria tanto problema.

[...] nos preocupa, e isso eu vi numa reunião que existiu outro dia, com o Ministro da Agricultura, [que] existe uma reivindicação pra importar milho e assim por diante. E aí que eu coloco a minha preocupação. Começa-se [a] falar de forma muito ostensiva pra começar a importar milho agora e, todo mundo vai e corre pra importar milho e esse milho vai chegar aqui, junto com início da colheita da próxima safra e daí se isso ocorre, o produtor que plantou milho, quando vai vender, vai vender o milho por um preço ruim novamente, vai desestimular o plantio da safra do ano que vem, e com isso forma [...] aquele ciclo vicioso de nós não termos milho.

[...] a desgraça desse país foi a importação. A desgraça da agricultura foi exatamente quando nos impedimos nos ou o Brasil, importa de tudo, porque [...] inviabiliza nossa atividade aqui internamente[...].

Quem quiser criar animais com milho importado, pode aposentar a chuteira, porque o milho importado chega aqui a 14, 15 reais a saca. [...] nesse preço nós vamos encher o Brasil de milho, e aí que tá o grande equívoco, das políticas de governo [...] ter um preço de garantia, ter recurso pra estocar milho (VANZELLA, 1999, PS, grifo da autora).

Na entrevista concedida ao repórter Gladinston Luiz, para o quadro Personalidade da Semana, o entrevistado Valter Vanzella, questionado sobre a possível escassez de milho e o avanço da cotação do produto, considerou a alta cotação do milho e justa a revolta dos criadores de animais, que se sentem desmotivados. Foi cogitada a possível importação do cereal, entre outros temas (VANZELLA, 1999).

Na via discursiva, flutuam as temáticas agrícolas em muitos aspectos contraditórios. Num primeiro momento, surgem falas calorosas em torno da especialização agrícola. A diversificação é colocada na ordem das alternativas para os problemas vigentes. Os agricultores diversificam, as propriedades assumem outra fisionomia. As mudanças aparecem lentamente, o pomar é reativado ou até ampliado, a horta solitária passa a receber muda e sementes. A produção de suínos, frangos e leite passam a conviver com o cultivo de soja e milho. A revitalização do cultivo foi comprometida pelos baixos preços pagos pelos produtos. Os estímulos à importação de milho atrapalharam a

comercialização de produtos brasileiros.

### Considerações finais

No jogo discursivo, qual é o problema que afeta a agricultura? Indicam-se atropelos na administração feita nas propriedades pelos agricultores, mas esta fala realmente possui sustentação? De um modo geral, podem-se juntar algumas respostas nos fatos que atravessam subjetivamente os textos representados pelos atores até então citados. Nesse sentido, é importante evidenciar a orientação construída de modo velado sobre a tecnologia. A tecnologia é posta no topo da construção discursiva e é apresentada como solução e fonte capaz de alargar a produção. As variações discursivas omitem o preço pago pela tecnologia e as conseqüências para o agricultor. Os agricultores são envolvidos pela modernidade e essa orientação não aparece explicitamente nas falas.

Mas, não se pode omitir que determinados agricultores cometeram deslizes administrativos em suas propriedades. Por exemplo, alguns modernizaram o cultivo, adotaram a tecnologia e não perderam suas propriedades. Foi observado em campo que determinado camponês adquiriu um trator Valmet 65, foi estimulado pelo *status* a possuir um trator mais potente, observou que para adquirir um trator novo seria difícil, era necessário recorrer ao financiamento, avaliou a situação e adquiriu um trator usado, com a potência desejada. Com o tempo, percebeu que sua propriedade era pequena, e não havia a necessidade de dois tratores, optou, então, por vender o de menor potência. Mais tarde, foi motivado pelos revendedores para adquirir uma colheitadeira, vendeu uma área menor de terra e adquiriu a máquina, e financiou uma pequena quantia. Porém, naquele ano, ocorreu frustração da safra, mas o preço pago pelo produto (soja) era significativo. Assim com o pouco que colheu e os serviços prestados aos demais camponeses, livrou-se das dívidas. Com o passar do tempo, observou que o investimento não dava retorno, era mais cômodo e lucrativo contratar uma máquina para sua colheita. Este agricultor desenvolvia a colheita no distrito onde reside, não adotava a prática de agricultores maiores que deslocavam as máquinas para outras regiões ou Estados. Ao observar que a sua propriedade era pequena e a máquina não dava retorno, resolveu vendê-la e investiu na construção de casas para alugar. O agricultor em questão praticou agricultura tradicional de mercado, modernizou, mas preservou em parte a diversificação da propriedade e, lentamente, retomou com mais força à diversificação. Ao observar as oscilações das taxas de juros, deixou de lado os financiamentos, para compra de sementes, adubos, maquinários, etc. Por outro lado, outros agricultores financiaram o plantio, os implementos, e ainda organizaram o cotidiano regado a festas, trocas constantes de trator e outros, ao sabor do descuido acabaram envolvidos pelas dívidas, perdendo as propriedades. As observações apresentadas acima foram retiradas das atividades de campo

através de diálogo estabelecido com os camponeses, das leituras e vivência pessoal.

Os exemplos citados indicam discursos contraditórios, e apresentam os estímulos ao consumo da tecnologia. Alguns agricultores cautelosos extraíram benefícios da tecnologia em forma de lucros. Outros enfrentaram percalços com a tecnologia somada à ausência de cuidado na administração da propriedade. Contudo, não se pode negar a presença repetitiva de discursos favoráveis à tecnologia. O *status* é atribuído à aquisição de um trator mais forte, sem mencionar a compactação do solo, a intoxicação do homem e animais. Os custos com a tecnologia não foram revelados explicitamente na construção discursiva.

### **Nota**

\* Pós-doutoranda em Geografia, professora do curso de Geografia da UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon. Integrante do Laboratório e Grupo de Pesquisa Geografia, Mídia, Migrações e Ambiente (GEMMA) e Linha de Pesquisa Mídia, Mediações, Ambiente e Práticas de Ensino (MMAPE). E-mail: marlisch20@hotmail.com.

### **Fontes**

AGRICULTURA está falida segundo o diretor da COPAGRIL. **Frente Ampla de Notícias**, v. 238. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, 18 jan. 1995. Programa de rádio.

COPAGRIL aconselha agricultores a não vender milho abaixo do mínimo. **Frente Ampla de Notícias**, v. 284. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, 14 jan. 1997. Programa de rádio.

FROEHLICH, Moacir. **Entrevista concedida ao programa Personalidade da Semana**. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 22 jan. 1995. Fita cassete nº 76. Programa de rádio.

MAZUCATTO, Jose Roberto. **Entrevista concedida ao programa Personalidade da Semana**. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 03 dez. 1989. Fita cassete nº 57. Programa de rádio.

PRESIDENTE da COPAGRIL diz que 93 foi um ano difícil para a agricultura. **Frente Ampla de Notícias**, v. 225. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, 31 dez. 1993. Programa de rádio.

VANZELLA, Valter. **Entrevista concedida a Gladiston Luiz no programa Personalidade da Semana**. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, 14 nov. 1999. Programa de rádio.

WINTER, Elio E. Mensagem. **Frente Ampla de Notícias**, v. 129. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora, dez. 1985. Programa de Rádio.

## **Referências**

- ALENTEJANO, Paulo Roberto R. **Reforma agrária e pluriatividade no Rio de Janeiro: repensando a dicotomia rural-urbana nos assentamentos rurais**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Ed., Fundação Perseu Abramo, 2003.
- CHAUÍ, Marilene. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Ed., Fundação Perseu Abramo, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BORIN, Jair; VEIGA, José Eli da (coord.). **Brasil Rural na virada do milênio: a visão de pesquisadores e jornalistas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.
- FLEISCHFRESSER, Vanessa. **Modernização tecnológica da agricultura: contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70**. Curitiba: Livraria Chain, 1988.
- FIDELIS, Guido. **Jornalismo: a grande arma da liberdade**. São Paulo: Nacional, 1986.
- GÓMEZ, Jorge R. Montenegro. **Políticas públicas de desenvolvimento rural e o projeto de reforma agrária do MST no noroeste do Paraná: uma contribuição ao entendimento do conflito capital x trabalho, da gestão territorial do estado e do controle social do capital**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá.
- LEITÃO, Domingos. **O texto radiofônico como fonte histórica: um estudo de caso**. 1991. Dissertação (Mestrado em Comunicações) – Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes, São Paulo.
- MARUXO JR., José Hamilton. **A imprensa irônica**. 2002. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, Érica Patrícia Barbosa de. **A comercialização dos produtos da fruticultura, da floricultura e da horticultura no Brejo de Gravatá em Pernambuco**. 1999. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. **Nas ondas do rádio: a viabilização da modernização agrícola no oeste do Paraná (1960-1980)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá.

\_\_\_\_\_. **Rádio, consensos e dissensos: o reverso do discurso e a crise da especialização agrícola (extremo oeste do Paraná)**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente.

Recebido em: fevereiro de 2010.

Aprovado em: junho de 2010.